

ENCICLOPÉDIA

# V ERBO

Luso-Brasileira de Cultura

Edição  
Século XXI

ENCICLOPÉDIA



Luso-Brasileira de Cultura

Edição  
Século XXI



20

Editorial Verbo  
Lisboa, Gr. D. 1

193

COMPRA  
331913



EDITORIAL VERBO  
DEPARTAMENTO DE ENCICLOPÉDIAS E DICIONÁRIOS

DIRECTOR  
JOÃO BIGOTTE CHORÃO  
da Academia das Ciências de Lisboa

SECRETARIA-GERAL  
ANTÓNIO LEITÃO

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
JORGE COLAÇO  
GEORGE VICENTE

TRATAMENTO INFORMÁTICO  
EM BASE DE DADOS  
SANDRA MONTEIRO

COORDENAÇÃO GRÁFICA  
MAGDA MACIEIRA COELHO

PESQUISA ICONOGRÁFICA  
MAGDA MACIEIRA COELHO

FONTES ICONOGRÁFICAS  
ARQUIVO VERBO • EUROPEA  
BONNIER'S LEXICON  
CÂMARA MUNICIPAL DE MIRANDELA  
CÂMARA MUNICIPAL DE MOIMENTA DA BEIRA  
CÂMARA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO  
CÂMARA MUNICIPAL DE MOURÃO  
COMISSÃO NACIONAL DO EURO

REVISÃO  
LÍDIA VINTÉM

CAPA E GUARDAS  
JOSÉ BRANDÃO

PAGINAÇÃO E PRÉ-IMPRESSÃO  
MARIA ESTHER - GABINETE DE ARTES GRÁFICAS, LDA.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
TILGRÁFICA - BRAGA  
SETEMBRO DE 2001

© EDITORIAL VERBO  
LISBOA / SÃO PAULO

NÚMERO DE EDIÇÃO: 2653  
DEPÓSITO LEGAL n.º 135 126/99  
ISBN 972-22-1850-6 (OBRA COMPLETA)  
ISBN 972-22-2078-0 (VOLUME XX)

## NOTA PRÉVIA

Editar uma Enciclopédia implica uma clara consciência de que o momento da edição representa um corte num processo que continua, imperturbável, a desenrolar-se. Preparar uma edição profundamente revista e actualizada dessa Enciclopédia — resultado de uma tal consciência — implica, por sua vez, a noção de que uma actualização não constitui necessariamente um corte com o mundo dos valores e dos saberes a que o brilho e o esforço de muitos dera anteriormente expressão. Empreender a actualização dessa Enciclopédia constitui, antes de mais, uma homenagem a esse labor colectivo, dando-lhe continuidade.

Nesta renovada edição, a ENCICLOPÉDIA VERBO tomou corpo animada pelo mesmo sopro de alma com que a anterior se apresentou. Mas nela está presente, mercê de centenas de contribuições de especialistas, um desejo de aperfeiçoamento e de atenção ao mundo que agora vivemos, ferido de imprevisibilidades, mas triunfante de transformações e novos conhecimentos.

Os ritmos da vivência cultural e científica adquiriram uma tal velocidade, tal diversidade e tais características de interdisciplinaridade, que não podiam senão ter determinado um elevado grau de mudança. Nesse sentido, a ENCICLOPÉDIA VERBO, sendo a mesma, é hoje outra. Um intenso trabalho editorial ao longo de anos impulsionou os mecanismos de uma renovação que se traduz num apuro de critérios e de sistematicidade e numa significativa percentagem de texto novo, consubstanciada em alguns milhares de novas entradas e na actualização ou substituição das existentes. O manuseamento e consulta da ENCICLOPÉDIA VERBO é intuitivo e extremamente simples. Impõem-se, no entanto, algumas explicações.

### Actualizações e Bibliografias

Entre os aspectos que contribuíram para o prestígio e credibilidade da *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, desde o início da publicação e durante os anos que levou a completar-se a 1.ª edição, foi o facto de os verbetes nela contidos serem assinados por grandes nomes da cultura e da ciência de Portugal e do Brasil, além da colaboração de ilustres autores de outros países, e, regra geral, conterem uma bibliografia. Ora, a circunstância desta edição ser realizada a uma considerável distância no tempo daquela 1.ª edição, levantou dificuldades no que diz respeito ao equilíbrio entre a necessidade de actualização e a preservação do importante património de textos e autores, muitos deles infelizmente já desaparecidos. Neste sentido, foram utilizados dois procedimentos que se torna necessário esclarecer. O primeiro consiste em assinalar, por meio da sua colocação entre parênteses rectos, breves actualizações em textos cuja qualidade supera um ou outro aspecto inactual. O segundo, visou libertar a bibliografia do autor, de modo a permitir a sua actualização. Este procedimento, traduzido na colocação da bibliografia depois da assinatura, destinado a textos de autores que as circunstâncias impedem de rever, converteu-se em regra, para manter uma identidade estrutural da Enciclopédia. No último volume da Enciclopédia serão contemplados verbetes omissos e outras actualizações.

### Remissões

A ENCICLOPÉDIA VERBO utiliza um sistema de remissões — através da colocação do símbolo ¶ imediatamente antes do vocábulo remetido — que envia o consulente para informações complementares e lhe permite ir traçando percursos de descoberta e aprofundamento, construindo a partir do texto procurado, um outro texto maior, multifacetado.

Nesta nova edição eliminaram-se, contudo, as remissões para nomes próprios e apelidos, sobretudo porque se considerou redundante juntar qualquer outra distinção à que o nome, pela sua própria natureza, já contém. Assim, qualquer indicação de nome no interior de uma dada entrada constitui, por si só, uma potencial remissão, desde que procurada segundo os critérios de ordenação utilizados, nomeadamente o da ordenação alfabética do apelido.

No caso das freguesias, agora incluídas em artigos mais extensos sobre os respectivos concelhos, será publicada, no final da obra, uma lista de todas elas com indicação do concelho a que pertencem, sua população e área.

BIBL.: Georges Morin, *Physiologie du Travail Humain*, Paris, 1946; Jacques Martin, *L'organisme Humain et le travail*, ibid., 1957; J. Scherrer, *Physiologie du Travail*, ibid., 1967.

**Mott (John Raleigh)** — Pregador protestante norte-americano (Livingston Manor, Nova Iorque, 25.5.1865 - Orlando, Florida, 31.1.1955). Formou-se na Univ. de Cornell (1888) e viria a ser agraciado com o grau de doutor *honoris causa* pelas Univs. de Edimburgo (1910) e Princeton (1911). Criou a Federação Mundial dos Estudantes Cristãos, em 1895, e esteve também à frente das Uniãoes Cristãs dos Jovens e do Conselho Ecumênico, tendo sido um dos pioneiros no campo do Aecumenismo. Fez parte da comissão para resolver o diferendo entre os EUA e o México. Recebeu — com a socióloga e economista Emily Greene Balch — o Prémio Nobel da Paz de 1946, pelo seu ministério de pregador e pela sua actividade no campo da assistência social.

OBRAS PRINC.: *Strategic Points in the World's Conquest*, 1897; *Evangelisation of the World in this Generation*, 1900; *Christians of Reality*, 1902; *The Future Leadership of the Church*, 1908; *The Decisive Hour of Christian Missions*, 1910; *The Present World Situation*, 1914; *Confronting Young Men with the Living Christ*, 1923; *The Larger Evangelism*, 1944.

A. DE OLIVEIRA

**Mott (Sir Nevill Francis)** — Físico inglês (Leeds, 30.9.1905 - 8.8.1996). Estudou em Cambridge, tendo iniciado o seu ensino universitário na Univ. de Manchester em 1924. Foi prof. em Cambridge (1930-1933, 1954-1971) e Bristol (1933-1954) e presidente da União Internacional dos Físicos (1951-1957). Com Ph. Anderson e J. Hasbrouck van Vleck recebeu o Prémio Nobel da Física de 1977. Teórico da mecânica quântica e da sua aplicação aos sólidos, particularmente aos metais, foi o criador de uma escola de metalurgia física.

OBRAS PRINC.: *An Outline of Wave Mechanics*, 1930; *The Theory of Atomic Collisions* (com H. S. W. Massey), 1933; *The Theory of the Properties of Metals and Alloys* (com H. Jones), 1936; *Electronic Processes in Ionic Crystals* (com R. W. Gurney), 1940; *Wave Mechanics and its Applications* (com I. N. Sneddon), 1948; *Elements of Wave Mechanics*, 1952; *Atomic Structure and the Strength of Metals*, 1956; *Electronic Processes in Non-Crystalline Materials* (com E. A. Davis), 1971; *Elementary Quantum Mechanics*, 1972; *Metal-Insulator Transitions*, 1974.

A. DE MONTEMOR

**Motte (Claire)** — Bailarina francesa (n. Belfast, 1937). Teve importante actividade pedagógica na escola de dança da Ópera, onde leccionou depois de abandonar os palcos em 1979. Bailarina estrela aos 23 anos, deixou o seu nome ligado a criações e a nomes famosos — *Chemin de lumière*, de Serge Lifar, *But e Saracenia*, de M. Descombey, etc. — e interpretou papéis de relevo em grandes coreografias modernas, como *Renard*, de Maurice Béjart, *Notre-Dame de Paris*, de Roland Petit, *Le Prisonnier du Caucase*, de Skibine, *Phèdre*, de Sparemblek, entre vários outros trabalhos. Em 1967, e com Jean-Pierre Bonnefous, brilhou em *Le Combat de Tancredi et Clorinde*, mais uma coreografia de Sparemblek.

**Mottelson (Benjamin)** — Físico dinamarquês de origem norte-americana (n. Chicago, 9.7.1926). Diplomado pelas Univs. de Harvard e Purdur, em 1951 veio estagiar em Copenhaga, onde se viria a fixar tomando a nacionalidade dinamarquesa. Dedicado à física teórica, trabalhou no Instituto Nórdico de Física Atómica Teórica, em estreita colab. com Aage Bohr. Juntamente com ele e com James Rainwater recebeu o Prémio Nobel da Física em 1975, por terem elaborado um modelo unificado da estrutura do núcleo atómico.

**Mottram (Ralph Hale)** — Escritor inglês (1883-1971). Autor de duas dezenas de romances, contista e ensaísta, pertencente ao chamado Bloomsbury Group, alcançou considerável êxito e popularidade desde os anos 20 até aos anos 50. Dos seus romances, a trilogia iniciada com *The Spanish Farm* (1924) e que inclui *Sixty-four*, *Ninety-four!* (1925) e *The Crime at Vanderlynden's* (1926) constitui um expressivo documento da época, além de se integrar na ficção da I Guerra Mundial. Amigo de John Galsworthy e de sua mulher, editou as cartas respectivas, com importante material acrescentado na introdução e comentário, em *For Some We Loved* (1956).

FERNANDO DE MELLO MOSER

**motu proprio** — CAN. Expressão latina, que significa «por iniciativa própria».

1. É a cláusula aposta a certos  $\mathcal{A}$ rescritos da Santa Sé, que os faz considerar da iniciativa do Papa, de forma que são válidos, mesmo no caso de no pedido se ter occultado a verdade que, em outros casos, seria necessário exprimir para a validade da concessão; não o serão, no entanto, se não for verdadeira a causa final aduzida (câns. 38, 63 §1).

2. Documento legislativo, que se supõe da iniciativa pontificia, menos solene que as  $\mathcal{A}$ decretais (que eram promulgadas em resposta a uma consulta) e das  $\mathcal{A}$ constituições apostólicas, umas e outras expedidas geralmente sob a forma de  $\mathcal{A}$ bulas. Os *M. P.* tiveram origem no pontificado de Inocêncio VIII (1484-1492), e tornaram-se muito frequentes nos últimos tempos, mesmo para assuntos de grande importância. Distinguem-se por conterem as palavras «*motu proprio*» (donde lhes veio o nome), antigamente no princípio, hoje, de ordinário, na cláusula final, e por levarem simplesmente a assinatura do Papa, sem selo especial, e ainda por não serem endereçados a nenhum destinatário. Como outros documentos pontificios, são, em geral, conhecidos pelas duas primeiras palavras do texto.

ANTÓNIO LEITE

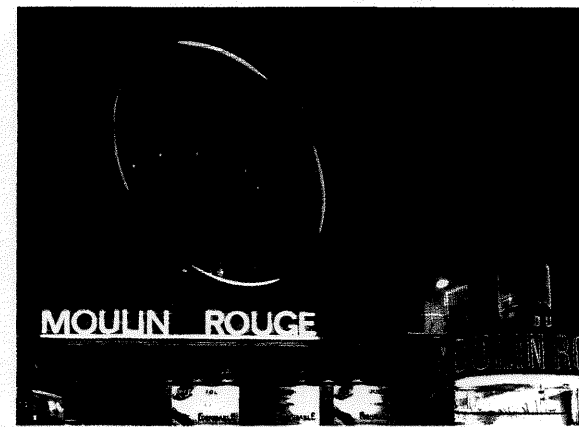
**Mougeociáceas** — BOT. Família de algas verdes ( $\mathcal{A}$ Clorófitos) de água doce, actualmente incluída nas  $\mathcal{A}$ Zignematáceas, da ordem das Zignematales.

RICARDO A. MELO/M. LISETE CAIXINHAS

**Moulin-Rouge** — TEAT. Um dos mais populares *music-halls* de Paris, construído em 1903. Aproximadamente no mesmo local tinham existido antes o *Bal de la Reine-Blanche* e, depois, um salão, edificado em 1889, onde se tinham

celebrizado e tornado típicos das diversões boémias da *Belle Époque* os espectáculos de *french cancan*. Estes espectáculos inspiraram o pincel de Toulouse-Lautrec. O *music-ball* construído em 1903 iniciou a sua actividade sob a direcção de P. L. Flers. Era então um restaurante onde se apresentavam operetas e revistas. Na segunda metade da década de 20 tomaram-se famosas algumas revistas aí apresentadas, nomeadamente *Ça c'est Paris*, pela companhia Hoffman, a *Revue des toiles*, com Jeanne Auber, Harry Pilcer e as Albertine Rash Girls, e *Allo, ici Paris!* A grande vedeta dessa época foi a quase lendária Mistinguett. Posteriormente o M.-R. apresentou programas de atracções, sob a direcção de Foucret e animados por Barbet, Jean Gabin, que depois seguiu uma brilhante carreira cinematográfica, Damia, Joë Jackson, etc. M. Chevalier, Florelle, V. Romance, Max Dearly, etc., são outros nomes famosos ligados ao M.-R. Com o advento do cinema sonoro, este *music-ball* foi adaptado a sala de cinema, mas por baixo abriu-se outro recinto destinado a espectáculos de variedades de certo modo relacionados ainda com o *music-ball*.  $\mathcal{A}$ Cabaret  $\mathcal{A}$ Folies-Bergère.]

EUINO DE JESUS



Moulin-Rouge, em Paris

meado prof. de Declamação no Conservatório. Também representou em Lisboa, no antigo Teatro D. Amélia, ao lado da Réjane.

M. G. CASTELO BRANCO

**Moulet (Luc)** — Realizador e crítico francês (n. Paris, 1937). Crítico nos *Cahiers du cinéma*, passa para os seus filmes o gosto da citação cinefíla e a sátira inteligente aos géneros cinematográficos, como o *western* em *Une aventure de Billy the Kid* (1971). O seu cinema passa um pouco à margem dos circuitos normais de distribuição e exibição, sendo mais um contributo para a pesquisa cinematográfica em França. FILMES PRINC. (além do citado): *Brigitte et Brigitte*, 1966; *Les contrebandières*, 1967; *Anatomie d'un rapport*, 1976; *Genèse d'un repas*, 1978; *La comédie du travail*, 1987; *Les sièges de l'Alcazar*, 1989; *Parpaillon*, 1992; *Toujours plus*, 1994; *Foix*, 1994; *Imphy, capitale de la France*, 1995; *Le ventre de l'Amérique*, 1996; *L'odyssée du 16/9*, 1996; *Le fantôme de Longstaff*, 1996; *Nous sommes tous des cafarés*, 1997; *Au champ d'honneur*, 1998; *Le système Zsigmondy*, 2000.

JOÃO ANTUNES

**Mounet-Sully (Jean e Paul)** — Actores franceses irmãos. Jean (Bergerac, 1841 - Paris, 1916) estava destinado pela família a seguir a advocacia, mas a sua vocação para o teatro levou-o, aos 17 anos, a fixar-se em Paris, para cursar o Conservatório. Diplomado em 1886, iniciou a carreira no Odéon, sem grande relevo. Após a Guerra Franco-Prussiana foi contratado para a *Comédie-Française*, onde alcançou enorme êxito como actor trágico. As suas criações de *Édipo Rei* (de Sófocles), de *Hamlet* (de Shakespeare) e de Orestes (em *Andromaque*, de Racine) contam-se entre as suas interpretações mais notáveis. Esteve em Lisboa (1904), onde representou no antigo Teatro D. Amélia. Foi também autor dramático, tendo escrito, entre outras peças, *La Buveuse de Larmes*, *Gygés* e *La Vieillesse de D. Juan*, e adaptado o *Édipo em Colona*. Seu irmão Paul (Bergerac, 1847 - Paris, 1922) doutorou-se em Medicina, ingressando depois no elenco do Odéon (1880). Em 1889 transitou para a *Comédie-Française*, de que pouco depois se tornou secretário, e em 1897 foi no-

**Mounier (Emmanuel)** — Pensador francês (Grenoble, 1.4.1905 - Châtenay-Malabry, Paris, 22.3.1950). Depois de terminados os estudos na sua terra natal, onde teve como mestre e prof. de Filosofia Jean Chevalier, quis estudar medicina, curso que abandonou dois anos depois para se dedicar inteiramente à meditação filosófica. Concluído o curso, é convidado para leccionar na Univ., em Paris. Por este tempo, depois de algumas hesitações quanto à temática a escolher para doutoramento (primeiro pensara tratar a *mística espanhola*, depois o *pecado*), descobre com fascínio o pensamento de Charles Péguy, demorando-se algum tempo a estudá-lo, actividade de que resulta *La pensée de Charles Péguy*, em 1932. Este ano é precisamente um ano de encruzilhada na vida de E. M., e, de certo modo, marca uma viragem decisiva. Desiludido com as inércias e os tropismos da vida académica («la sale machine universitaire»), já desde 1929-1930 E. M. começara a girar com alguns amigos (Georges Izard e André Déleage) o projecto de uma rev. internacional — «ecuménica» — de intervenção social, política, religiosa e cultural. Dando assim asas a esse sonho, o jovem de 27 anos decide renunciar a uma promissora carreira universitária para se dedicar de corpo e alma à *Esprit*, rev. encarada suspeitosamente como «progressista», cujo primeiro número sai em Outubro de 1932. Diz-nos E. M., já perto da morte, que sempre sentira em si a alma e o sangue de camponês, herança recolhida dos seus avós e da qual tanto se orgulha. Por isso, como outrora Bernardo de Claraval perante a dialéctica e as subtilezas parisienses, também ele assume um saber que vem da terra, um saber viril e, de certo modo, agreste contra o saber da urbe, enredado em sofismas e hermenéuticas estereis e irresolutas. Tais saberes, académicos no pior sentido do termo, cultivados por «espíritos espantosamente sérios», que não se transformam a si próprios nem transfor-



Emmanuel Mounier



John Raleigh Mott



Sir Nevill F. Mott



Benjamin Mottelson

ma a realidade, longe do pulsar da vida, desiludem-no por completo. Para combater este alheamento decide fundar uma rev., projecto só aparentemente paradoxal. A sua univ. seria o mundo (chegou a pensar em *Univers* para título da rev.); o seu campo, a inteligência dos homens e mulheres de boa vontade; a sua semente, ideias e tinta; a sua ligação, a acção. Por entre rosas e espinhos, o sonho da *Esprit* foi fazendo o seu caminho. E. M. entretanto casara: em *Mounier et sa génération: lettres, carnets et inédits* (Paris, 1956, ed. Mounier-Leclercq Paulette), podemos acompanhar algumas das cartas trocadas com Madeleine. Em 1940 é feito prisioneiro pelos alemães. Em Agosto de 1941, um ditame do regime de Vichy decide suspender a *Esprit*, a qual só em 1945 voltará à normalidade.

Dissemos que, aos 27 anos, E. M. se encontrava numa encruzilhada. Efectivamente, esta é a imagem que melhor poderá expressar a sua visão do homem e do mundo. Do pensamento clássico colhe a ideia de que o homem é um nó, um ser na tangência de vários mundos, sendo a síntese de todos eles. Por isso, em meio de acontecimentos muitos diversos (I Guerra Mundial, Revolução Soviética, Grande Depressão de 1929 nos EUA, situação do operariado, 30-40 anos depois da *Renim Novarum* de Leão XIII, querela modernista, situação política em França e na Espanha, II Guerra Mundial,...), alguns deles catastróficos, e de outras tantas ideias e interpretações entre si muito diferentes (materialismo marxista, solipsismo cartesiano ou individualismo, liberalismo mercantil, neotomismo de Maritain, Mauriac, espiritualismo de Blondel, Bergson, Berdiaeff, existencialismo...), o seu esforço vai todo no sentido da abertura da consciência contra todas as tentativas de compacidade, de oclusão do ser, de elisão da pessoa. Podemos mesmo dizer, cruzando várias ordens de fundamentação, que nele há uma *visão crucial* da realidade, em cujo centro está a Pessoa, essa cruz natural onde toda a realidade está em relação. Deste modo, quer à direita, quer à esquerda, dentro e fora da Igreja Católica, a que sempre permaneceu fiel, mau grado as suspeitas de que foi alvo (em 1936 certas facções católicas conservadoras exigem mesmo que Roma condene a rev.), a sua acção foi uma contínua luta contra todas as tentativas de redução do humano. Nomeadamente contra os imanentismos que pretendiam reduzir o humano à matéria, à biologia, à psicologia, à história; ou contra os espiritualismos desencarnados e nefelibatas; ou contra aqueles que, alapados sob o santo nome de Deus, maquilhados de cristianismos oportunistas e burgueses, olhavam com suspeita e reservas o diálogo com as novas realidades políticas e sociais emergentes. Todavia, o homem é matéria porque é um ser encarnado; também é um ser biológico, emocional, afectivo; é um ser capaz de comunhão, o verdadeiro nome da intersubjectividade; é um ser perfectível, capaz de progredir historicamente; é até um ser capaz de abdicar de si mesmo e de dar a vida por amor.

Assim, contra todos aqueles modos de oclusão do ser, E. M. é o pensador e o praticante da *eclosão*, do *renascimento*, da *revolução* (espiri-

tual, no sentido clássico da *conversio*). Para E. M. isto significa o estabelecimento cada vez mais alargado de relação. Pessoas livres e criadoras, e não meros indivíduos — essa abstracção moderna, essa hipostasiação aritmética; ou, poderíamos dizer, essa figura metodológica que rapidamente foi esquecida como tal, e passou a postulado metafísico exclusivo —, até formar uma *Comunidade*, que não é confundível nem com o colectivismo da *sociedade sem classes*, nem com qualquer *ordo* fascizante, franquista. A Pessoa é essa realidade imprevisível, fonte originária de actos, não de reacções biológicas ou efeitos mecânicos, capaz de interrogar, i. é., capaz de chamar, rogar. Por isso é um chamamento, uma obra a cumprir, uma tarefa. Estamos tão-só no sexto dia, o *shabat* ainda não chegou... Há em E. M. uma antropologia personalista vertical a exigir cidadania e que determina directamente uma visão política, assim como o seu exercício ecuménico concreto. *Distinguier pour unir* — título de uma obra de Maritain — pode justamente atribuir-se-lhe como emblema daquela visão aberta do Mundo, da Pessoa e da Sociedade que muitos depois de si retomarão. A única relação hierarquizada e respeitadora da realidade articula sempre a identidade e a diferença, sem nunca sacrificar uma a outra. E é neste par que se joga a relação de abertura à Transcendência de que a experiência evangélica sempre se reputou, e que E. M. fez verdadeiramente sua.

OBRAS (além das citadas): *Oeuvres*, 4 vols., Paris, 1961-1963; *Révolution personaliste et communautaire*, ibid., 1935; *De la propriété capitaliste à la propriété humaine*, ibid., 1936; *Manifeste au service du personalisme*, ibid., 1936; *L'affrontement chrétien*, Neuchâtel, 1944; *Montalembert — Morceaux choisis*, Friburgo, 1945; *Traité du caractère*, Paris, 1945; *Liberté sous condition*, ibid., 1946; *Introduction aux existentialismes*, ibid., 1946; *Qu'est-ce que le personalisme?*, ibid., 1947; *L'éveil de l'Afrique noire*, ibid., 1948; *La petite peur du XX<sup>e</sup> siècle*, Neuchâtel/Paris, 1948; *Le personalisme*, Paris, 1949; *Feu la chrétienté*, ibid., 1950; *Malraux, Camus, Sartre, Bernanos: l'espoir des désespérés*, ibid., 1953; *Communisme, anarchie et personalisme*, ibid., 1966.

JOSÉ ROSA

BIBL.: V. Melchiorre, *Il metodo di Mounier*, Milão, 1960; C. Moix, *La pensée d'Emmanuel Mounier*, Paris, 1960; Lucien Guissard, *Emmanuel Mounier*, ibid., 1962; Paul Ricoeur, «Emmanuel Mounier: une philosophie personaliste», in *Histoire et vérité*, ibid., 1964; J. Charpentreau e L. Rocher, *L'esthétique personaliste d'Emmanuel Mounier*, ibid., 1966; J. Conilh, *Mounier*, ibid., 1966; J.-M. Domenach, *E. Mounier par lui-même*, ibid., 1975; Domingues Bernardo, «Luta pelo advento dum mundo de Pessoas em E. Mounier», in *Humanística e Teologia* 1 (1980), pp. 193-214; id., *O mundo e Deus confrontam-se na obra de Emmanuel Mounier*, Porto, 1988; id., «Alternativa sócio-política, proposta por E. Mounier», in *Humanística e Teologia* 10 (1989), pp. 147-165; Juan Saez Carreras, *Emmanuel Mounier: una filosofía de la educación*, Valência, 1981; Antonio García Madrid, *Intención educativa y educación política del pensamiento de Emmanuel Mounier: una aproximación al pensamiento mounieriano*, Salamanca, 1983; Yves Ledure, *Lectures «chrétiennes» de Nietzsche: Maurras, Papini, Scheler, de Lubac, Marcel, Mounier*, [Paris], 1984; Danese Attilio (a cura di), *La questione personalista: Mounier e Maritain nel dibattito per un nuovo umanesimo*, Roma, 1986; Fernando Vela López, *Democracia y demopédia en E. Mounier*, Salamanca, 1987; Aurora Domingues, *Emmanuel Mounier: o personalismo comunitário* (texto policopiado), Braga, 1995.

**Mountbatten (Louis)** — Almirante inglês, 1.º conde M. de Burma (Windsor, 25.6.1900 - Donnegal Bay, Mullaghmore, County Sligo, 27.8.1979). Filho de Luís, príncipe de Battenberg, participou como guarda-marinha na Batalha da Jutlândia. Na II Guerra Mundial, após comandar o porta-aviões *Illustrious* (1941), foi chefe de operações aeronavais combinadas. Como comandante das forças aliadas no SO Asiático (Outubro de 1943 - Maio de 1945) reconquistou a Birmânia e expulsou definitivamente do Índico os Japoneses, o que lhe valeu ser considerado um dos maiores almirantes britânicos do séc. xx. Vice-rei da Índia (1946-1947), exerceu posteriormente funções de grande relevo na Armada Real e nos comandos da NATO. Faleceu vítima de um atentado terrorista na Irlanda do Norte.

EDUARDO SERPA

**Moura** — Concelho do distrito e diocese de Beja, comarca de M. O concelho (958 km²) tem oito freguesias: Amareleja (orago - Nossa Senhora da Conceição), M. (Sto. Agostinho), Moura (S. João Baptista), Póvoa de S. Miguel (S. Miguel), Safara (Nossa Senhora da Assunção), Santo Aleixo da Restauração (Sto. Aleixo), Santo Amador (Sto. Amador) e Sobral da Adiça (S. Pedro) com uma pop. total residente de 16 140 hab. (1998). Solos compostos por xisto, terciário e granito. Área florestal composta de sobreiro, oliveira e azinho. Foi elevada a cidade pela Lei 8/88, de 1 de Fevereiro.

Região tradicionalmente agro-pecuária, a cidade é um centro industrial de grande importância, devido ao lugar de destaque da produção de azeite e conservas de azeitona, vinho, exploração de águas minerais (Pisões e Castelo), produção de *pickles*, construção civil e maquinaria. Artesanato: cestaria, trabalhos em buinho e ferro forjado — portas, arcos, candeeiros, molduras etc. Feriado municipal a 24 de Junho. Realiza-se a feira de Maio de 10 a 12, a feira do melão em Agosto, a feira anual nos dias 6, 7 e 8 de Setembro, e a festa de Nossa Senhora do Carmo (que remonta ao séc. xiii), no primeiro domingo de Outubro. Na Amareleja realiza-se a festa de Sta. Maria a 15 de Agosto e a de Nossa Senhora da Conceição a 8 de Dezembro. Em Safara há a festa de S. Sebastião a 20 de Janeiro, as Festas das Endoenças, realizadas de 2 em 2 anos, durante a Semana Santa e as festas de 3, 4 e 5 de Setembro. Gastronomia: gaspacho, caldo de cação, açorda, coelho frito, lebre guisada, galinha acerejada, ensopado de borrego, cachola assada com coentros, caldeirada de peixe da ribeira, bolo «tão bom como tão bom», porquinho de chocolate, borrachos, nogado, bolo podre, manjar e bolos fintos.

Fica situada a 184 m de altitude banhada pelas ribeiras de Brenhas e de Levandeira, afluentes do Ardila que desagua no Guadiana. Foi ocupada desde os tempos mais remotos, como o comprovam os vestígios pré-históricos, castrejos, romanos, visigóticos e árabes. O seu primeiro nome conhecido data do tempo dos romanos — *Aru-citana* — e mais tarde dos árabes — *Al-Mari-fab*. Com a conquista de M. em 1166, por Afonso e Álvares Rodrigues, o nome da alcaidessa Salúquia (filha do governador árabe da região) ficou para sempre ligado a esta povoação. Se-

gundo a lenda Salúquia esperava o seu noivo, entretanto morto pelas forças adversárias, que disfarçadas de Árabes, entraram sem dificuldade no recinto amuralhado, ajudados pela alcaidessa que fez baixar a ponte levadiça. O desgosto da morte do noivo e o facto de se ter sentido culpada pela vitória do inimigo levaram-na ao suicídio. Assim, esta terra, passou a ser conhecida pela Terra da Moura Salúquia, Terra da Moura e por fim M. Foi integrada no território português no tempo de D. Dinis, que lhe atribuiu foral em 1295. D. Manuel outorgou-lhe foral novo em 1512, altura em que era um dos principais aglomerados populacionais do Sul do país, vindo a receber em 1554 o título de «Notável Vila de Moura». Após a Restauração em que M. lutou com muito empenho para se libertar do jugo espanhol, assiste-se à construção de uma nova linha de muralhas por volta de 1660. Estas foram arrasadas em 1707, quando o general espanhol, duque de Osuna, assim o determinou. Em 1709 vai libertar-se definitivamente das tropas inimigas.

O bairro da Mouraria ainda hoje nos remete para esse passado grandioso. É formado por quatro grandes ruas e um largo com muitos vestígios arqueológicos.

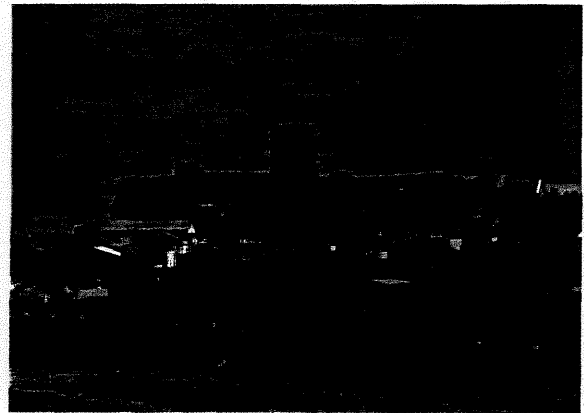
A Herdade da Contenda (propriedade municipal) ocupa um área de 5000 ha, e mantém uma grande reserva de veados.

Natural de M. é D. Fr. Baltasar Limpo (1478-1558), bispo do Porto e arcebispo de Braga. Imprensa periódica: *Correio do Alentejo* (fundada em 1910).

Do património histórico-cultural das freguesias de M. salienta-se:

*Igreja de S. João Baptista (matriz)* — Edificação manuelina de inícios do séc. xvi, cujo arquitecto foi Cristovão de Almeida. A fachada principal tem um portal trilobado, de colunas retorcidas e arco conopial. Na torre sineira pode admirar-se o balcão em dossel, da autoria do arquitecto João Morais, do séc. xvii. O interior é de três naves de abóbadas em ogiva à mesma altura, separadas entre si por oito arcos quebrados, suportados por pilares octogonais. Nos fechos das nervuras das abóbadas da capela-mor distinguem-se as armas reais de D. Ma-

Vista do castelo



Louis Mountbatten

